

Introdução

Lúcia Granja

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

GRANJA, L. Agradecimentos. In.: *Machado de Assis – antes do livro, o jornal: suporte, mídia e ficção* [online]. São Paulo: Editora Unesp, 2018, pp. 11-17. ISBN: 978-85-9546-281-6.
<https://doi.org/10.7476/9788595462816.0001>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

INTRODUÇÃO

Este livro retoma a primeira metade da tese de livre-docência que defendi em agosto de 2016. Nele dou continuidade a estudos que propõem um novo modo de compreender a história literária no século XIX, o que reverbera na discussão a respeito do “talento individual” de um escritor da envergadura de Machado de Assis. Inegável, esse talento é associado, agora, ao aproveitamento da forma midiática à qual o escritor fixou-se e esteve fixado durante a maior parte de sua trajetória. Nesse sentido, o jornal cotidiano é apresentado, neste trabalho, como grande impulso de um sistema midiático e civilizacional, cujos procedimentos e repertório repercutem sobre a concepção e elaboração do texto ficcional oitocentista em geral.

Além de trazer leituras e reflexões inéditas, reelaborei neste livro uma parte do que tenho escrito desde 2008, o que inclui os artigos e capítulos de livro que se seguiram à minha participação no projeto de edição anotada das crônicas completas de Machado de Assis, viabilizada e ainda em curso pela Editora da Unicamp, da qual resultaram, em parceria com Jefferson Cano e John Gledson, respectivamente, os *Comentários da semana* (2008) e as *Notas semanais* (2008). Tudo o que aqui reescrevi e reuni se deve também ao fato de eu haver integrado as equipes do Projeto Temático Fapesp *A circulação transatlântica dos impressos*, de setembro de 2011 a agosto de 2016, que se

desdobrou em um projeto internacional de cooperação em pesquisa, concomitante ao primeiro, reunindo investigadores brasileiros, franceses, portugueses e ingleses, entre setembro de 2011 e outubro de 2015. Finalmente, os textos e ideias são também decorrentes do desenvolvimento de dois projetos de pesquisa PQ-CNPq: *Escrita jornalística, criação literária e leitura da literatura no Brasil do século XIX* Machado de Assis e os escritores-jornalistas, de março de 2011 a fevereiro de 2014, e *Machado de Assis e Baptiste Louis-Garnier: histórias de homens e de livros (1860-1878)*, março de 2014 a fevereiro de 2017.

Interessada nas ideias de Roger Chartier e tendo aprendido ainda muita coisa sobre as crônicas machadianas naquela convivência prolongada de trabalho com John Gledson (2003-2008), foram as edições anotadas das séries “Comentários da semana” e “Notas semanais” que me possibilitaram, por meio do contato íntimo com os jornais nos quais Machado de Assis publicava, entre aqueles que ele apenas lia e aos quais se referia, uma percepção mais ampla de alguns dos gêneros em que investia Machado de Assis. Começou a se desenhar naquela leitura frequente dos jornais cotidianos da época de Machado a relação existente entre as crônicas, contos e romances, considerando-se a materialidade e o ambiente textual de seu suporte de acolhimento, no que tange ao conteúdo e à paródia das formas.

Isso me levou a expandir o olhar que se fixava na ideia de suporte periódico para a de sistema midiático, o que me fez entrar em contato com os trabalhos de Marie-Ève Thérénty, Allain Vaillant e Dominique Kalifa, entre outros. Dentro desse sistema do qual, como indiquei, o periódico cotidiano era peça protagonista, emprestavam-se à literatura as novidades do jornal (ritmo, escrita coletiva e periodicidade, entre outros), ao mesmo tempo em que se compunha a matriz jornalística pela escrita narrativa e esquemas retóricos que vinham da literatura. A partir daí, o século XIX reabriu-se como o de uma “civilização do jornal”, além de um século de expansão dos impressos, o que me levou ao Projeto Temático Fapesp e a uma melhor compreensão da dimensão da circulação dos impressos e leituras no Brasil oitocentista.

Analisando aspectos da história literária nos anos 1860-1870, debruço-me sobre um autor muitíssimo envolvido com a imprensa periódica, na qual tinham início a concepção e a realização dos livros. Desse modo, trago à cena vários elementos que precedem ou são externos à publicação e à difusão dos textos literários, anteriores à forma “livro”.

Como consequência de ter sido formada na Unicamp (anos 1980) pelos orientandos de Antonio Candido e no rastro das ideias de Roger Chartier, que descobri à mesma época, certo tipo de “externo” é percebido, neste livro, como constituinte dos efeitos produzidos pelo interno, e o todo passa também a considerar as formas de veiculação do texto. Esse conjunto inseparável atuará, por conseguinte, sobre os efeitos que o texto literário produzirá em forma de livro ou mesmo quando ainda publicado no periódico, durante o ato de leitura, valorizando a complexidade do processo de publicação. Mais que isso, alguns traços daquilo que é compreendido pela crítica literária como singularidade na obra de Machado de Assis são aqui reapresentados em sua relação com a Poética do suporte periódico ou mesmo com a inserção do escritor no meio literário de seu tempo – nesse último caso, naquilo que há de mais circunstancial no fenômeno artístico e que estou tentando definir, no todo de minha pesquisa, como fazendo parte do processo de autonomização do campo literário no Brasil.

Se essa reflexão não questiona o talento individual e os destaques atribuídos pela crítica ao texto machadiano, ela é compreendida no diálogo e, principalmente, nas respostas que a obra literária de Machado de Assis propõe a questões estéticas e contextuais de seu tempo. Nesse sentido, a singularidade é reinterpretada como resultado da fixação desse escritor ao suporte periódico, operação que continua, vinte anos depois, o que eu já percebia quando defendi e publiquei parcialmente a minha tese de doutorado, *À roda dos jornais e teatros: Machado de Assis, escritor em formação*.

Naquela época, eu pensava que a escrita ficcional machadiana mais valorizada era tributária da crônica e que, portanto, a experiência do jornalista havia sido fundamental para a formação do escritor de ficção. Nada disso estando incorreto, o que este livro agora

demonstra é que isso faz parte de um processo muito mais amplo. Assim, para além do reconhecimento das afinidades surpreendentes entre o texto jornalístico e o texto literário machadianos, trago respostas mais completas, sobretudo, à seguinte questão: como explicar que, de um momento a outro, o ficcionista tenha ido buscar o conhecimento literário do jornalista? Parece-me que a associação de Machado de Assis à figura do escritor-jornalista¹ (o que pressupõe o entendimento de que os periódicos se constituíam em um universo textual no qual os textos se comunicavam de uma maneira constante e contínua) é um dos caminhos para a compreensão da relação entre jornalismo e novidade literária nesse autor, assim como nos escritores que estiveram em torno do jornal do século XIX, ou seja, a maior parte deles.

A resposta à antiga pergunta acima formulada passa, então, a considerar que o escritor-jornalista é figura basilar e exemplar de todos os modos de desenvolvimento da literatura nos jornais. Além disso, a literatura (toda a literatura, mas especialmente a do XIX) não pode ser desvinculada do fazer literário que a precede e de suas formas de veiculação. Isso será esmiuçado na segunda parte do livro pela análise de alguns textos literários machadianos, debate que procurei introduzir na primeira metade dele.

De forma ampla, o Capítulo 1 mostra algumas das especificidades da adaptação das rubricas e de características plásticas dos jornais na era midiática. No Brasil, isso resultará, caso limite de meu estudo, em matéria para a literatura machadiana. No entanto, para além de Machado, abordo a nova configuração das intermediações e representações no século XIX, estendendo o debate das formas aos modelos que esse sistema forneceu para os séculos XX e XXI. Recorro, além de às minhas próprias, às ideias de Marie-Ève Thérenty (2003, p.12), nas quais a autora considera que

A literatura do século XIX só tem a ganhar quando lida à luz do periódico, não somente porque sem dúvida ele contribuiu para o

1 O escritor-jornalista foi definido por Marie-Françoise Melmoux-Montaubin (2003) em *L'écrivain-journaliste au XIXe siècle*.

nascimento dos gêneros literários (certamente para o do romance-folhetim, mas também do poema em prosa, do romance policial e, igualmente, do romance-mosaico [...]) mas também porque a imbricação constante dos meios jornalísticos e literários no século XIX explica as mudanças estéticas e sociológicas da literatura. (tradução nossa)²

Ainda segundo a pesquisadora, no século XIX a literatura estava imersa em um novo regime de comunicação, mas, paradoxalmente, oferecia à própria imprensa o único repositório de formas poéticas para que, a partir delas, fosse inventada a escrita jornalística (idem, 2007). Compactuo com isso e procuro mostrar, por comparação, o quão inovador aquele sistema midiático foi para o século XIX e de que maneira, unindo jornal e literatura, ele está na base de muitas de nossas próprias revoluções. Por fim, nesse primeiro capítulo, as crônicas são lidas como textos que integram um *espaço*,³ o que acaba por destacar a plasticidade do jornal e dos textos dentro dos jornais. Com isso, espero reafirmar a importância de compreender como um escritor-jornalista é obrigado a novas perspectivas ao inserir-se naquele novo universo, e como tais perspectivas vão se tornando cada vez mais importantes, na medida em que o escritor se integra ao sistema.

Toda essa introdução torna-se, então, desenvolvimento e estudo de textos no segundo capítulo. Nele exemplifico, por meio da análise de um conto, uma crônica e aspectos de um romance, em que medida as revoluções ideológicas e reconfigurações sociais operadas pelo jornal em nível mundial teriam resultado em transformações estéticas para um escritor carioca daquele século, afastado dez mil

2 “[...] la littérature du XIXème siècle ne peut que gagner à être lue à la lumière du périodique non seulement parce que sans doute il a contribué à la naissance des genres littéraires (le roman-feuilleton certes, mais aussi le poème en prose, le roman policier et aussi le roman-mosaïque [...]) mais aussi parce que l’imbrication constante entre les milieux journalistiques et littéraires au XIXe siècle explique les mutations esthétiques et sociologiques de la littérature [...]”.

3 Optei pelo uso do *itálico* para dar destaque a ideias e conceitos.

quilômetros da “capital do século XIX”, mas completamente inserido naquela civilização do jornal e do impresso.⁴

Segundo Sarah Mombert, o jornal propôs um novo modelo cultural que substituiu as referências das elites pelos referenciais do próprio jornal. Nele operaram-se cruzamentos de diversos tipos, discursos e posturas se confrontaram, e as mudanças que ele produziu se devem ao fato de ser mais do que um reflexo do mundo exterior, apresentando-se como uma espécie de substituto dele. Por isso, os escritores-jornalistas e, posteriormente, os jornalistas dizem a realidade recriada pelo imaginário jornalístico (Mombert, 2011, p.832). Ainda pensando no Capítulo 2, essa é, globalmente, a melhor explicação para a mistura entre realidade e ficção operada pela literatura machadiana publicada nos jornais.

Tive sempre a impressão de que Machado de Assis jornalista – à maneira da explicação do tenor Marcolini, já sem voz quando expõe suas ideias sobre a vida e a criação a Bentinho tornado Dom Casmurro –, desde as suas primeiras crônicas, escutava a música da ficção e lia o libreto da realidade na ópera cotidiana do jornal, melodia e texto evoluindo em desacordo, cada um para o seu lado. Vejo agora que um escritor monstruoso⁵ como Machado de Assis não poderia deixar de aproveitar em sua própria composição os movimentos desarmônicos da modernidade. Ao mesmo tempo, nesse mesmo capítulo, a análise proposta para alguns aspectos de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* fixa o autor, na feliz expressão de uma resenha de Hélio

4 Há dois grupos em torno desse debate na França: um define o século XIX como o da civilização do jornal; o outro indica que a ideia deve ser ampliada para uma civilização do impresso, incluindo-se os livros na reflexão sobre a natureza das transformações de vida e sociedade ligadas ao impresso no oitocentos. Creio ser desnecessário reproduzir ou entrar na polêmica em questão. Apenas destaco a ideia consensual de que as mudanças em torno do ritmo da vida e da produção foram incorporadas e reproduzidas pelo periódico cotidiano; pelo lado do livro, em geral, houve o encurtamento das distâncias, novas tecnologias em torno das comunicações, além da ampla circulação de todas as formas de impressos.

5 A definição de Machado de Assis como um escritor “monstruoso” acompanhará as minhas reflexões e se sustenta como a imagem de uma figura literária quase ameaçadora por seu caráter multiforme e colossal.

Guimarães, em uma espécie de “terra-a-terra de John Gledson”, que tem sido um grande mestre e amigo. Como consequência, dentro do meu campo de interesses (*a relação entre texto e suporte, além da materialidade dos livros*), Machado de Assis vincula-se de outro modo à ficção produzida em seu tempo, que ele relê constantemente pelo ponto de vista da composição, publicação, circulação, inserção e constituição de um cânone com características próprias (mas disponível à internacionalização), entre outros.

Ao fim e ao cabo, a única negativa que me restou foi a relação entre o trabalho acadêmico e o tempo, pois haverá, sempre, ainda muito a ser feito. Durante a última década, ampliei referenciais críticos e teóricos, busquei novas fontes e voltei às antigas, às quais indaguei com novas perguntas. Apresento as respostas a seguir e arremato com os dizeres de Roger Chartier (2014): a mão do *autor*, no momento em que um escritor pega de sua pena, existirá conjuntamente com a mente do editor. Todas as decisões gráficas, mecânicas, comerciais em relação ao texto publicado confrontam a imaterialidade inicial da página que aguarda ser escrita, o que cria “uma conexão estreita entre história cultural e crítica textual” (ibidem, p.12). É o que buscamos nas múltiplas tarefas que Machado de Assis desempenhou em torno das Letras.